

JUSTINO DE ROMA (MÁRTIR)



A data do seu nascimento deve ser situada por volta do ano 100 d.C. Sua conversão ao cristianismo parece ter ocorrido por volta do ano 132. Justino não era de origem judaica, a julgar pelos nomes de seu pai, Prisco, e seu avô, Báquio, além de seu próprio nome, que não são de origens judaicas. Ele era natural de Flávia Neópolis, na Síria Palestina (conforme ele mesmo afirma em sua introdução a Apologia 1. (Patrística)

Foi em Roma que Justino exerceu maior parte de sua atividade. Ali abriu e dirigiu uma escola filosófica e escreveu suas obras. Acusado perante Júnio Rústico, pelo filósofo Crescente, foi decapitado, segundo a tradição, no ano 165. Há um relato de sua morte considerado autêntico, no Martirium S. Iustini ET Sociorum, baseado nas atas oficiais do tribunal que o condenou.

Justino é, certamente, o melhor apologista do século II, suas obras são:

- 1-**Um discurso dirigido a Antonino Pio, aos seus filhos e ao senado romano.
- 2-**A segunda apologia em favor da fé cristã, dirigida ao imperador Antonino Vero (Marco Aurélio)
- 3-**Um discurso aos gregos, que trata da natureza dos demônios.
- 4-**A refutação, também dirigida aos gregos.
- 5-**Sobre a monarquia de Deus.
- 6-**Psaltès.
- 7-**Escólios sobre a alma.
- 8-**O diálogo contra os judeus, que teve na cidade de Éfeso contra Trifão.
- 9-**Contra todas as heresias.
- 10-**Contra Marcião.

Entretanto, dessas obras, só chegaram até nós a primeira e segunda Apologias e o Diálogo com Trifão.

A primeira Apologia deve ter sido escrita por volta de 155.

Conforme seu próprio relato em sua segunda Apologia seguia as filosofias gregas: *“Eu mesmo, quando seguia a doutrina de Platão, ouvia as calúnias contra os cristãos. Contudo, ao ver como caminhavam intrepidamente para a morte e para tudo o que é considerado espantoso, comecei a refletir que era impossível que tais homens vivessem na maldade e nos prazeres”*. No seu Diálogo com Trifão diz: *“Eu mesmo, no início, desejando reunir-me com alguns deles, coloquei-me nas mãos de um estoico e passei bastante tempo com ele. Todavia, percebi que nada me adiantava para o conhecimento de Deus, pois nem sequer ele sabia nada, nem dizia que esse conhecimento era necessário. Então separei-me dele e dirigi-me a outro, um peripatético, que se acreditava ser homem perspicaz. Eu o deixei, pois ele absolutamente não parecia filósofo. Minha alma continuava ardendo para ouvir o que é próprio e excelente na filosofia. Então me dirigi a um pitagórico, muito conceituado, homem que se orgulhava muito de sua sabedoria. Então me fez um grande panegírico sobre ciências, apresentando-as como necessárias e, quando confessei que as ignorava, mandou-me embora. Considerando o tempo que ia gastar naquelas disciplinas, não sofri em deixá-lo, por causa de tão grande prazo. Por fim, tentei também conversar com os platônicos, sendo que tinham muita fama”*.